

ALBERTO PENA-RODRÍGUEZ
HELOISA PAULO
COORD.



A CULTURA DO PODER

A PROPAGANDA NOS ESTADOS AUTORITÁRIOS

CONTORNOS DA NAÇÃO EM CINEJORNALS DEMOCRÁTICOS E ANTIDEMOCRÁTICOS

Rodrigo Archangelo

Constituídos por imagens e sons que propagandearam os “dons” do poder político e econômico durante o século XX, muitos cinejornais ultrapassam este propósito quando submetidos ao olhar histórico. A variedade e a circularidade de temas semanalmente noticiados, somados aos aspectos formais de inúmeros títulos que compõem uma tradição de jornais cinematográficos no Brasil, são dados significativos à compreensão das transformações políticas, econômicas e socioculturais da sociedade brasileira. A partir da análise de três cinejornais produzidos em diferentes momentos, levantaremos alguns contornos do que foi transmitido por eles como ideal de nação num curto espaço de 32 anos na história do Brasil, situados entre 1938 e 1970. Com as séries *Cine Jornal Brasileiro*, entre 1938 e 1945; *Notícias da Semana* e *Atualidades Atlântida*, entre os anos 1956 e 1960; e *Canal 100 Jornal* em 1970, observaremos os rituais¹ numa cultura do poder que embasou o discurso

¹ Na literatura sobre o cinema brasileiro, o termo “ritual do poder” significa, resumidamente, o autoelogio das elites políticas e econômicas em seus atos públicos e privados. Trata-se de um conceito já estabelecido nas discussões sobre o cinema no Brasil, e que foi proposto pelo crítico e professor de cinema Paulo Emílio Salles Gomes – juntamente com a contrapartida “berço esplêndido”, a exaltação das belezas naturais e culturais do Brasil. Cf. GOMES, Paulo E. S. “A expressão social dos filmes

de progresso e modernização do país em distintos contextos da República brasileira: a ditadura do Estado Novo (1937-1945); os “anos dourados”, redivivos na memória coletiva brasileira pela presidência de Juscelino Kubitschek (1956-1960); e o Regime Militar (1964-1985) em seu ápice econômico e repressivo.

Convém lembrar que a trajetória dos cinejornais no Brasil foi bastante longa², o que se faz notar em algumas coleções ainda existentes em arquivos brasileiros, mas que tristemente representam uma pequena parte do que foi produzido. Neste quadro estão séries que se mantiveram mais coesas ao longo do tempo, sobretudo aquelas realizadas pelo governo federal e que, desta forma, carregaram o rótulo de propagandas oficiais, como o *Cine Jornal Brasileiro* (CJB)³; e cinejornais provenientes de companhias produtoras mais conhecidas, cuja importância econômica propiciou a exploração comercial aos seus realizadores ou detentores. Neste caso são exemplos os

documentais no cinema mudo brasileiro (1898 – 1930)”, In: CALIL, Carlos Augusto (ed.) *Paulo Emilio: Um Intelectual na Linha de Frente*. São Paulo: Brasiliense; Rio de Janeiro: Embrafilme. 1986, pp. 323-328.

² Presentes desde as primeiras décadas do século passado até meados dos anos 1980, os cinejornais compõem, em números absolutos, um terço da produção de filmes brasileiros, cf. Cinemateca Brasileira. “Filmografia Brasileira”. Acessado em 01 de fevereiro de 2013. <http://www.cinemateca.gov.br/>. Para um breve panorama da produção de cinejornais no Brasil, cf. Archangelo, Rodrigo. “O papel dos cinejornais: os documentos da Atlântida Cinematográfica e do Canal 100”. *Revista da Cinemateca Brasileira*. São Paulo: Cinemateca Brasileira. 2012, pp. 106-119.

³ Produzido entre 1938 e 1946 pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), órgão oficial da propaganda varguista no Estado Novo. As edições aqui mencionadas pertencem ao acervo da Cinemateca Brasileira.